

# UM NOVO OLHAR PARA UMA NOVA GERAÇÃO: MORADIAS PARA A VIDA ADULTA INDEPENDENTE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL, SÍNDROME DE DOWN E/OU AUTISMO NO BRASIL

Flavia Poppe

*Economista, Mestrado London School of Economics em Planejamento Social, cofundadora e Diretora do Instituto JNG Moradias para Pessoas com Deficiência*

**Resumo:** A efetivação da vida adulta independente para pessoas com deficiência, seja morando sozinhas ou com as pessoas de sua escolha, ainda representa um desafio significativo no Brasil. Isso ocorre apesar de ser um direito fundamental garantido pela Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD), e impacta diretamente as próprias pessoas com deficiência, suas famílias e formuladores de políticas públicas.

Este artigo aborda a temática das moradias com foco na promoção da autonomia como pilar central dos programas de apoio que sustentam a rotina dos moradores. Apresenta-se um novo marco conceitual que coloca a pessoa no centro da organização do serviço, discutindo os fatores que positivamente influenciam os resultados do modelo em termos de autonomia e independência.

Moradias para a vida independente são serviços de alta complexidade e custo, onde o apoio personalizado funciona como eixo estruturante. Os resultados de um projeto piloto no Rio de Janeiro, conduzido pelo Instituto JNG, evidenciam a importância de inverter o processo: iniciar pela avaliação do perfil individual (funcionalidades, necessidades, interesses e desejos) para, então, definir a equipe de apoio e as características arquitetônicas e urbanísticas. Essa abordagem resulta em soluções mais sustentáveis e em práticas de apoio mais personalizadas e satisfatórias para os residentes.

**Abstract:** The realization of independent adult living for people with disabilities, whether living alone or with chosen companions, still presents a significant challenge in Brazil. This is true despite it being a fundamental right guaranteed by the International Convention

on the Rights of Persons with Disabilities (CRPD), and directly impacts individuals with disabilities, their families, and policymakers.

This article addresses the theme of housing with a focus on promoting autonomy as a central pillar of support programs that sustain residents' daily lives. A new conceptual framework is introduced, placing the individual at the center of service organization, discussing factors that positively influence the model's outcomes in terms of autonomy and independence.

Housing for independent living represents a highly complex and costly service, where personalized support acts as a structuring axis. The results of a pilot project in Rio de Janeiro, conducted by the JNG Institute, highlight the importance of reversing the process: starting with an individual profile assessment (functionalities, needs, interests, and desires) to subsequently define the support team and architectural and urbanistic characteristics. This approach leads to more sustainable solutions and more personalized and satisfactory support practices for residents.

**Palavras-Chave:** Moradia, Vida Independente, Pessoa com Deficiência, Apoio Personalizado, Autonomia.

## Introdução

Apesar de ser um direito fundamental estabelecido pela Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência, as opções de moradia que permitem a vida adulta independente para indivíduos com deficiência ainda são alarmantemente insuficientes no Brasil. Dados da PNAD 2022 (IBGE) revelam que, em 2018, apenas 174 unidades municipais e estaduais atendiam uma demanda potencial de 7,8 milhões de pessoas entre 18 e 59 anos.

Não obstante, persiste a percepção familiar de que a saída dos filhos de casa configura abandono, limitando a visão de moradias independentes a casos de ausência de suporte familiar. Contudo, o envelhecimento de pais e cuidadores tem gradualmente conferido maior relevância a essas alternativas. A cultura enraizada de que a deficiência é um problema “de família” exime o Estado de tratar o tema como prioridade, resultando em uma profusão de residências e abrigos que frequentemente divergem das diretrizes da ONU para a desinstitucionalização, enquanto opções de moradias independentes permanecem escassas.

A inclusão de pessoas com deficiência na sociedade exige um avanço significativo, onde a perspectiva de transição para a vida adulta autônoma — comum a qualquer jovem — seja um horizonte visível e desejável. Contudo, sem os apoios adequados, esse objetivo não se materializa, nem como aspiração.

Este artigo propõe a moradia para pessoas com deficiência como uma urgência, sinalizando um novo paradigma: o reconhecimento de uma geração de pessoas com deficiência que alcançam a fase adulta como cidadãos plenos de direitos, e não mais como “crianças eternas” ou doentes a serem protegidos. A questão central reside em como os apoios e cuidados podem satisfazer os desejos e necessidades específicas de cada indivíduo. Essa visão inovadora exige uma redefinição dos conceitos de apoio e cuidado, garantindo a remoção das barreiras que impedem a plena realização do potencial dessas pessoas e sua participação ativa na sociedade.

Este capítulo está estruturado da seguinte forma: a primeira seção delinea o marco jurídico que fundamenta a moradia como direito e descreve os modelos existentes no Brasil. A segunda seção apresenta o projeto piloto de moradia para a vida independente do Instituto JNG, realizado no Rio de Janeiro com jovens adultos entre 21 e 34 anos de idade, destacando os ganhos de autonomia dos moradores. Exploramos a metodologia alternativa baseada na vida independente, diferenciando-a dos modelos tradicionais. Na terceira seção, discutimos o modelo proposto à luz dos resultados obtidos e dos debates recentes sobre a formulação de uma Política Nacional de Cuidados. Finalmente, as conclusões oferecem sugestões para futuras investigações.

## 1. Legislação e Modelos de Moradias no Brasil

A base jurídica para a inclusão social de pessoas adultas com deficiência inicia-se com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948, que em seus artigos 1º, 3º e 13.1º, estabelece a igualdade em dignidade e direitos, o direito à vida, liberdade e segurança pessoal, e a liberdade de circulação e escolha de residência.

A DUDH pavimentou o caminho para tratados internacionais mais específicos, como a Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) de 2006, ratificada no Brasil pelo Decreto 6.949/09. A CDPD ressignificou o conceito de deficiência, entendendo-a em interação com barreiras ambientais que impedem a participação plena. Seu Artigo 1º define:

“Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.” *Artigo 1º, CDPD*

Em relação à moradia, o Artigo 19 — “Vida independente e inclusão na comunidade” — é explícito ao instar os Estados a garantir que:

“As pessoas com deficiência possam escolher seu local de residência e onde e com quem morar, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, e que não sejam obrigadas a viver em determinado tipo de moradia;” *Artigo 19º, CDPD*

É crucial notar que, no Brasil, a CDPD possui *status* de emenda constitucional (Flores e Peruzzo, 2021, p. 495), impondo responsabilidades internacionais ao país. Complementando essa estrutura, a Lei Federal nº 13.146/2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência) dedicou os artigos 31, 32 e 33 exclusivamente ao direito à moradia, reforçando a aplicabilidade da Convenção de Nova York.

Em sintonia com essa evolução, as *Diretrizes sobre a Desinstitucionalização*, aprovadas em setembro de 2022 pelo Comitê dos Direitos das Pessoas com Deficiência das Nações Unidas, ratificam a institucionalização como prática discriminatória (Artigo 5º da CDPD) e uma negação da capacidade jurídica (Artigo 12º da CDPD). O item 19 das diretrizes enfatiza a autonomia na escolha do local e companhias de moradia, enquanto o item 23 aborda a crucial necessidade de apoio individualizado e personalizado:

“Para poder vivir de forma independiente y ser incluidas en la comunidad, es fundamental que todas las personas con discapacidad cuenten con el apoyo que, sobre la base de sus propias decisiones, puedan requerir para realizar sus actividades cotidianas y participar en la sociedad. El apoyo debe ser individualizado y personalizado y ofrecerse a través de diversas opciones. Abarca una amplia gama de servicios de asistencia de carácter oficial, así como redes comunitarias no oficiales.” *Diretrizes sobre a Desinstitucionalização, item 23*

## Modelos de Moradias no Brasil

O Brasil, como outros países da América Latina, confronta o legado de antigas instituições de internamento, coexistindo com modelos mais recentes no âmbito das políticas públicas de Assistência Social e Saúde. No processo de desinstitucionalização, a Saúde implementou o **Serviço Residencial Terapêutico (SRT)**. Conforme o Ministério da Saúde (2004, p. 6), essas “casas localizadas no espaço urbano... respondem às necessidades de moradia de pessoas portadoras de transtornos mentais graves,” acolhendo até oito indivíduos com suporte profissional sensível às suas demandas. Os usuários de SRTs são vinculados a estruturas interdisciplinares como o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Na Assistência Social, as **Residências Inclusivas (RIs)**, parte do Serviço de Acolhimento Institucional de Alta Complexidade, visam jovens e adultos com deficiência em situação de dependência, sem autonomia ou suporte familiar, conforme a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Brasil - MDS, 2014). As RIs buscam romper com o isolamento, oferecendo residências adaptadas em áreas residenciais, com equipe especializada e metodologia para atendimento personalizado a grupos de 8 a 10 pessoas (Brasil - MDS, 2014, p. 9).

Paralelamente aos modelos públicos, existem residências e clínicas privadas. As **residências assistidas** focam na inclusão e autonomia, enquanto as **clínicas privadas** integram serviços terapêuticos e assistência médica. Ambos os setores, público e privado, tendem a oferecer serviços de cuidado em espaços coletivos e exclusivos para pessoas com deficiência.

O elemento central que estrutura e define esses modelos é o serviço de apoio profissional, e seu grau de vocação terapêutica e perfil para o cuidado e assistência, por um lado, assim como, a oferta de apoios para promover mais autonomia e uma rotina de vida doméstica comum. Nesse caso, os procedimentos terapêuticos são feitos nos equipamentos de saúde e a moradia é, tão somente, a casa da pessoa. A formulação de uma Política Nacional de Cuidados evidencia a relevância crescente sobre a necessidade de regulamentação sobre os tipos de cuidados, a formação profissional que se exige, e sobre os direitos estabelecidos na CDPD.

Entretanto, a atual política de cuidados, embora fundamental, tende a focar excessivamente na perspectiva de quem cuida. Para pessoas com deficiência, é imperativo que os apoios sejam definidos e escolhidos *com elas*, considerando suas múltiplas necessidades. Para respeitar essa singularidade, é essencial avaliar as necessidades de apoio individual *antes* de designar uma vaga.

Por esse motivo, em especial, os modelos de residências das atuais políticas apresentam limitações significativas. Seja nos SRTs e RIs públicos, ou nas residências privadas, as pessoas raramente escolhem *onde* e *com quem* irão morar. A equipe de apoio é definida de forma pré-estabelecida, não baseada nas necessidades individuais. Além disso, esses locais são frequentemente exclusivos para pessoas com deficiência, agrupadas em coletivos.

Assim, as características que deveriam diferenciar os modelos de moradia para adultos com deficiência incluem:

1. A capacidade de escolher *onde* morar e se desejam compartilhar o espaço com outras pessoas com deficiência.
2. A definição da equipe de apoio *após* a avaliação das necessidades de cada morador.
3. A exclusividade ou não do local para pessoas com deficiência.

Em uma oferta ideal de modelos de moradia, a avaliação do perfil de habilidades e necessidades de apoio deveria preceder a definição da equipe. O “agrupamento de pessoas” seria então determinado pela relação entre as características e necessidades dos indivíduos e os recursos e apoios disponíveis.

Atualmente, os modelos de moradia para adultos com deficiência no Brasil são notavelmente semelhantes, falhando em respeitar a individualidade. Embora haja

variações em conforto e privacidade no setor privado, as características definidoras permanecem: falta de opções de escolha sobre onde e com quem morar, equipes de apoio predefinidas sem avaliação prévia do perfil ideal voltado para as necessidades levantadas, e convívio permanente da equipe na própria moradia. Nestes modelos, as pessoas com deficiência são forçadas a adaptar-se ao contexto institucional, em vez de o contexto ser adaptado às suas necessidades de apoio e habilidades.

Não há dados abrangentes sobre modelos de moradias privadas no Brasil. Contudo, o Censo SUAS 2018 (último dado disponível) revelou que, das 5.797 unidades de acolhimento, apenas 1.354 (23%) se enquadravam no tamanho recomendado para residências inclusivas (até 10 residentes). De forma inaceitável nos dias atuais, 254 unidades tinham mais de 80 vagas e 143 ultrapassavam 100 vagas nas chamadas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). A implementação das diretrizes de desinstitucionalização no Brasil demandará um esforço árduo, custoso e bem planejado para assegurar continuidade e eficácia.

## **2. Marco Conceitual e Metodológico do Projeto-Piloto de Moradia para a Vida Independente: O Caso do Instituto JNG**

A limitação de soluções para pessoas com deficiência frequentemente gera angústia familiar, mas também impulsiona a busca por alternativas inovadoras. Três mães de jovens com deficiência intelectual e Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), ao depararem-se com o fim da fase escolar de seus filhos, questionaram o futuro: “O que acontecerá quando não estivermos mais aqui? Como se capacitarão para o trabalho? Poderão trabalhar? Onde encontrarão amigos e como socializarão? Onde morarão?”

A ausência de respostas claras indicava que João, Nicolas e Gabriella (o J, N e G) teriam oportunidades reduzidas de alcançar uma vida adulta independente. Diante disso, as mães fundaram o Instituto JNG com o propósito de debater a transição para a vida adulta de pessoas com deficiência intelectual e buscar soluções para essas questões prementes.

Entre 2011 e 2014, o Instituto JNG estabeleceu uma cooperação técnica com a organização britânica Ability Housing. Essa parceria resultou na aquisição e adaptação da metodologia britânica de avaliação de necessidades de apoio e na vinda da equipe britânica para o Seminário Internacional sobre Cidades e Inclusão Social em 2014, culminando na publicação do livreto “Moradia Independente”. A metodologia da Ability Housing foi validada e adaptada pela equipe de professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PROPED) da UERJ, sendo aplicada no projeto piloto lançado em novembro de 2021 e, desde então, já estamos na quinta versão do Instrumento de Avaliação e de Perfil de Autonomia Individualizado.

## Marco Conceitual e Metodológico

O modelo de moradia para a vida independente é fundamentado em cinco princípios, que visam responder aos desafios enfrentados por jovens com deficiência no Brasil e guiar sua implementação:

1. **“Nada sobre nós, sem nós”:** Este lema da CDPD é o conceito fundador, que exige a participação efetiva das pessoas com deficiência na elaboração de qualquer política ou estratégia que as envolva.
2. **Autonomia na moradia:** Qualquer adulto com deficiência pode morar sozinho ou com quem desejar, desde que receba o apoio adequado ao seu perfil.
3. **Moradia como lar, não clínica:** A moradia deve ser vista simplesmente como o lar da pessoa, onde tratamentos terapêuticos ocorrem em clínicas ou com profissionais especializados e não pela equipe de apoio.
4. **Inclusão urbanística:** A moradia deve estar localizada em um bairro urbano, com acesso ao comércio e transporte público, inserida em uma comunidade de pessoas com e sem deficiência, promovendo a inclusão natural.
5. **Privacidade como base:** A privacidade é uma condição essencial para o processo de individuação e a compreensão da distinção entre “nós e os outros”. A rotina de cada morador deve ser organizada a partir de suas escolhas e habilidades, e não por regras coletivas impostas externamente.

Para operacionalizar este marco, a inversão do processo de apoio é crucial: a equipe deve ser estruturada com base no tipo e intensidade de apoio que o indivíduo necessitará para sua rotina, e não a partir de uma pré-definição que desconsidera a singularidade de cada pessoa com deficiência. A ocupação das residências, portanto, deve basear-se nas características e necessidades de suporte dos moradores, e não apenas na disponibilidade de vagas. Essa inversão não só promove a autonomia e valoriza as habilidades individuais (“Nada sobre nós sem nós”), mas também otimiza os arranjos organizacionais, pois a equipe é selecionada e permanentemente treinada em função dos recursos que os moradores precisarão.

Com o intuito de materializar os conceitos de moradia independente, desenvolveu-se uma metodologia para identificar o ganho de autonomia e reduzir a dependência de cada morador. A **promoção da autonomia** é o eixo central do serviço de apoio profissional. É fundamental distinguir autonomia de independência, como elucida Jacob (2016):

“Il est ici nécessaire de lever une confusion conceptuelle répandue: l'autonomie ne se confond pas avec l'indépendance, et l'on peut être autonome (dans une certaine mesure) tout en étant dépendant.”

Tradução livre da autora:

“É necessário esclarecer uma confusão conceitual generalizada: a autonomia não é o mesmo que independência, porque pode-se ser autônomo (até certo ponto), sendo ainda dependente.”

Jacob (2016, p. 12)

Em Jacob (2016), independência refere-se à posse de recursos próprios e à capacidade de agir por si mesmo; autonomia, por sua vez, significa ter governo próprio e agir a partir de si. Assim, políticas públicas devem priorizar o apoio à autonomia em todas as esferas da vida (educação, trabalho, cultura, cidadania, saúde), garantindo que as pessoas com deficiência possam expressar suas vontades. O fato de a implementação dessa vontade requerer apoio externo não anula a autonomia; o essencial é que a sociedade se organize para viabilizar essa ajuda. Esse é o conceito primordial do serviço de apoio para pessoas com deficiência que buscam viver suas próprias vidas fora da casa dos pais.

“Au final, on peut affirmer qu’il n’est peut-être pas grave qu’un tiers pousse le fauteuil si la personne handicapée peut choisir le chemin et la destination.”

Tradução livre da autora:

“Por fim, podemos afirmar que não importa que alguém empurre a cadeira de rodas de uma pessoa com deficiência se ela mesma puder escolher o caminho e o destino.”

Jacob (2016, p. 13)

O projeto-piloto do modelo de moradia para a vida independente adaptou e validou com equipe de pesquisadores da UERJ, como já mencionado, um instrumento britânico para mensurar a autonomia e o nível de dependência de cada futuro morador. Um questionário detalhado, com aproximadamente 250 perguntas em sete seções (manuseio de objetos de cozinha, cuidados com vestuário, higiene pessoal, manejo de lixo, saúde/medicamentos, segurança pessoal/dinheiro, e sonhos/desejos/expectativas), serviu de guia para entrevistas com uma equipe multidisciplinar. Esta equipe, composta por profissionais das áreas de saúde e educação com experiência em desenvolvimento de habilidades e promoção de autonomia (e suporte psiquiátrico quando necessário), utilizava as informações para elaborar o **Plano Personalizado de Apoio (PPA)**. O PPA era discutido e aprovado com cada morador.

As respostas eram classificadas em quatro níveis de autonomia e necessidade de suporte, visualizados com um sistema de cores para facilitar o acompanhamento da evolução:

1. **SEM APOIO (Verde):** A pessoa requer auxílio mínimo, mas tem autonomia para iniciar e realizar a atividade, compreendendo-a e executando-a com habilidade.

2. **POUCO APOIO (Amarelo):** Solicita auxílio para a maioria das atividades; explicações verbais ou gestuais são suficientes. Entende o conceito, mas possui pouca habilidade para executar.
3. **MÉDIO APOIO (Laranja):** Necessita de auxílio significativo, incluindo apoio visual, gestual ou modelagem. Apresenta baixa compreensão conceitual e dificuldade na execução.
4. **MUITO APOIO (Vermelho):** Demanda auxílio substancial para compreender, desenvolver e realizar a atividade, requerendo explicações verbais, apoio visual, gestual e/ou modelagem.

A avaliação inicial é realizada antes da mudança do morador, e repetida semestralmente, permitindo um monitoramento contínuo da evolução individual.

Além da estrutura de apoio, os **aspectos urbanísticos e arquitetônicos** são cruciais. O imóvel deve estar em um bairro urbano com acesso a transporte público e comércio, favorecendo a inclusão em atividades cotidianas. Essa integração bidirecional enriquece tanto os moradores, que interagem com a comunidade, quanto a comunidade, que aprende a lidar com a diversidade. Após quatro anos circulando e compartilhando espaços comuns do edifício e no bairro, os moradores do projeto tomaram a iniciativa de fazer um convite aberto aos vizinhos para assistir ao programa “Falas de Acesso” da TV Globo. Estiveram presentes cerca de 12 vizinhos que, além de socializarem, puderam ter acesso a conceitos e letramento sobre como é ser e viver com algum tipo de deficiência nos lugares comuns da cidade.

## Projeto-Piloto

Em novembro de 2021, cinco jovens com deficiência intelectual e autismo iniciaram o projeto piloto no Rio de Janeiro, demonstrando a viabilidade do modelo de moradia independente, já consolidado em países mais desenvolvidos. Os principais desafios para promover a autonomia, bem-estar e qualidade de vida foram:

1. **Ajuste da equipe:** Adequar a equipe às demandas de apoio levantadas no perfil de cada morador e à nova dinâmica de vida independente.
2. **Acolhimento familiar:** Estabelecer um relacionamento construtivo com as famílias.
3. **Elaboração de protocolos técnicos:** Criar protocolos para emergências, ausência de agentes de apoio, controle de medicamentos e, crucialmente, para atuar diretamente com os moradores, distinguindo apoio de mediação de funções terapêuticas (já que a moradia é simplesmente o lar).
4. **Inclusão na comunidade:** Promover a integração com vizinhos e nas atividades cotidianas do bairro.

## 5. Sustentabilidade financeira do modelo.

Em relação ao primeiro desafio, a fase piloto permitiu a clara identificação e descrição das funções de agentes de apoio, coordenadores e supervisores técnicos para deficiências leves e moderadas. Embora o grupo inicial fosse pequeno, o modelo é adaptável para suportes de deficiências múltiplas ou severas, pois a moradia independente visa a autonomia em todos os níveis. O desafio foi superado para os níveis de suporte leve e moderado.

O acolhimento familiar, segundo desafio, foi facilitado pelo caráter pioneiro do projeto, com familiares desempenhando um papel ativo na construção da solução inovadora. No entanto, observou-se a necessidade de um serviço formalizado de acolhimento para apoiar as famílias na transição de um filho que sempre dependeu de seus pais para uma vida mais autônoma. Foram evidenciados resultados mais positivos quando a família também se dispõe a experienciar um novo modo de vida com menos codependência. A liberdade de ambos potencializa os resultados em termos de novas aquisições funcionais e, sobretudo, do despertar de novos desejos.

A sistematização e elaboração de protocolos técnicos foram extensivamente abordadas no piloto, visando a replicabilidade e escalabilidade do modelo. Este pilar foi fundamental para organizar a equipe e os processos de apoio personalizado. A metodologia singular, centrada na avaliação das necessidades do indivíduo, comprovou a eficácia da inversão do processo, em que o cuidado é avaliado também pela ótica de quem o recebe.

O quarto desafio, a inclusão na comunidade, revelou-se um exercício contínuo. No projeto piloto do Rio de Janeiro, a convivência com os vizinhos foi natural, e o bairro integrou-se à vida dos moradores. Entretanto, observamos que ações específicas para promover a inclusão são necessárias e geram mais oportunidades. Ainda persiste o estranhamento de ambas as partes e, por isso, pequenos gestos de enlaces promovidos por mediadores deslancham novas perspectivas de convivência.

Por fim, a **sustentabilidade do projeto** é um desafio crucial, intrinsecamente ligado ao modelo de financiamento. Modelos totalmente privados restringem o acesso a famílias de baixa e média renda. Por outro lado, o financiamento público gratuito, no caso das Residências Inclusivas, limita-se a pessoas com renda *per capita* familiar inferior a do salário mínimo e sem vínculo familiar. Considerando que apenas 9% dos domicílios brasileiros (Censo IBGE 2010) cumprem os critérios de elegibilidade para a política pública, a urgência de debater modelos de financiamento alternativos para a vida independente é evidente.

### 3. Resultados e Discussão

Um dos objetivos primordiais da moradia para a vida independente é o fomento da autonomia em pessoas com deficiência. A autonomia é condição *sine qua non* para que, em seu próprio ritmo, os indivíduos desenvolvam a capacidade de tomar decisões e fazer escolhas, aprendendo a cuidar de si, mesmo com o suporte necessário, e progressivamente ampliando sua inclusão social. Como já diferenciado por Jacob (2016), autonomia e independência na execução de tarefas são conceitos distintos. Na fase adulta, cuidar do próprio lar serve como um estímulo natural para a aquisição de autonomia e o desenvolvimento de novas funcionalidades. A abordagem do Currículo Funcional Natural, conforme Cuccovia (2003), reforça que o aprendizado de conhecimentos e habilidades úteis se torna mais significativo quando aplicado em um contexto prático e funcional, como as tarefas domésticas cotidianas.

A tabela a seguir apresenta as avaliações dos Planos Personalizados de Apoio (PPA) de sete moradores ao longo de 18 meses.

Tabela Comparativa dos Níveis de Autonomia dos Moradores do Programa Moradia Independente (2021-2026)

| Nome do Morador     | JB   |        |        |        |        |        |        |        |        |      | NM     |        |        |        |        |        |        |      |        |        | PB     |        |        |        |      |        |        |        |        |        | EL     |        |        |        |        | DB     |        |        |        |        | ED     |        | DF     |        | LB     |        |        |        |        | FM     |        |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|---------------------|------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| Grupos de Atividade | 2021 | 2022/1 | 2022/2 | 2023/1 | 2024/1 | 2024/2 | 2025/1 | 2025/2 | 2026/1 | 2021 | 2022/1 | 2022/2 | 2024/1 | 2024/2 | 2025/1 | 2025/2 | 2026/1 | 2021 | 2022/1 | 2022/2 | 2024/1 | 2024/2 | 2025/1 | 2025/2 | 2021 | 2022/1 | 2022/2 | 2023/1 | 2024/1 | 2022/1 | 2022/2 | 2023/1 | 2022/2 | 2023/1 | 2023/1 | 2024/1 | 2023/2 | 2024/1 | 2024/2 | 2025/1 | 2025/2 | 2023/2 | 2024/1 | 2024/2 | 2025/1 | 2025/2 | 2023/2 | 2024/1 | 2024/2 | 2025/1 | 2025/2 |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Comidas e Compras   | 4    |        |        |        |        |        |        |        |        | 1    |        |        |        |        |        |        |        | 2    |        |        |        |        |        |        | 2    |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |

Fonte: Questionário da Avaliação de Perfil e Autonomia (Instituto JNG - 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026).

Notas:

- Em 2021, as perguntas do questionário ainda não contemplavam as seguintes atividades: Conhecimento do bairro, Vínculo inicial, Apropriação da casa, Rotina e agenda e Lazer.

### Escala de Apoio

- |   |                                                |
|---|------------------------------------------------|
| 1 | Sem apoio: totalmente autônomo                 |
| 2 | Pouco apoio: necessita orientação              |
| 3 | Médio apoio: em fase de aquisição da autonomia |
| 4 | Muito apoio: necessita apoio para execução     |

Os ganhos de autonomia mais notáveis concentram-se nas atividades da vida diária, incluindo: gestão de compras (reconhecer faltas, elaborar listas, realizar pagamentos), higiene pessoal, cuidados com o lar e vestuário, controle do tempo (organização de compromissos e rotinas), e a capacidade de decidir sobre o tempo livre. É fundamental salientar que o instrumento de medição da autonomia não visa a “conquista do verde” em todas as áreas, mas sim permitir que os moradores escolham conscientemente suas necessidades de ampliação da autonomia, promovendo a autoconfiança e a capacidade de selecionar tipos e intensidades de apoio desejados.

Ao longo dos dois anos do projeto piloto, dos 12 moradores participantes:

- Dois adquiriram confiança e passaram a morar sozinhos, sem necessidade de apoio da equipe do projeto.
- Um mudou-se para outro bairro, mantendo apoio remoto (conforme sua necessidade) e presencial duas vezes por semana.
- Dois permaneceram no projeto desde o início, em novembro de 2021.
- As famílias de dois moradores não puderam arcar com os custos do programa.
- Um retornou ao Equador, seu país de origem.
- Dois apresentaram comportamentos que demandavam uma equipe de suporte com formação distinta e vigilância permanente, o que levou à sua saída consensual do projeto.

O aspecto mais sensível e distintivo entre os modelos de moradia é o **modelo de cuidado e apoio**. A mera declaração de que o objetivo é conceder autonomia é insuficiente; a forma como o serviço de apoio é coordenado e organizado é determinante para os resultados esperados. Nesse sentido, os domínios do apoio personalizado dependem não apenas da formação e capacitação profissional centrada nas necessidades das pessoas, mas também da coordenação efetiva desse apoio. Conforme Vilaça (2012), em seu tratado sobre o cuidado em doenças crônicas, a coordenação do cuidado é:

“definida como a organização deliberada do cuidado entre dois ou mais participantes envolvidos na atenção às pessoas para facilitar a prestação de serviços eficientes, efetivos e de qualidade.” *Vilaça* (2012, p. 343)

Vilaça (2012, p. 344) descreve domínios da coordenação que corroboram os processos e protocolos técnicos vivenciados pelo projeto, incluindo:

- Estabelecer e negociar responsabilidades.
- Garantir comunicação interpessoal e transferência de informações.
- Determinar e avaliar as necessidades e metas de autonomia dos moradores.

- Elaborar o PPA de forma cooperativa entre moradores, famílias e equipe.
- Monitorar o desenvolvimento das ações e resultados do PPA.
- Apoiar o autocuidado do morador.
- Estabelecer relações comunitárias para facilitar o alcance das metas do PPA.
- Alinhar recursos organizacionais com base nas necessidades dos moradores.

A ênfase na palavra “cuidado” levanta a polissemia do termo. No contexto de promoção da autonomia em moradias independentes, o termo “apoio” é preferencial para mitigar a tendência capacitista na prática do cuidado de pessoas com deficiência. A antropóloga Fietz (2022) explora essa complexidade, notando que, nos estudos sobre deficiência, a relação de cuidado frequentemente se centra em quem recebe, o que pode gerar relações de poder que restringem a autonomia.

“Nessa abordagem as relações de cuidado são comumente descritas como relações de poder em que aquele que recebe o cuidado tem sua autonomia restringida por aquele que o provê.” Fietz (2022, p. 43)

Pensar o cuidado como uma prática moral e inter-relacional exige coordenação atenta, pois não há soluções universais. Fietz (2022) argumenta que as abordagens baseadas no cuidado devem:

“dar conta de uma complexa rede de atores e interesses diversos e muitas vezes conflitantes, pois o cuidado não prescinde de relações de poder. Ao contrário, as relações de cuidado e as relações de poder estão intimamente ligadas e pensar com (o) cuidado requer reconhecer atividades que são morais e políticas.” Fietz (2022, p. 44)

Moradias são serviços de alta complexidade e custo, e a prática de apoio, alinhada às solicitações e necessidades da pessoa com deficiência, é o eixo estruturante. Os resultados do projeto piloto do Instituto JNG no Rio de Janeiro demonstraram que iniciar o processo com uma avaliação detalhada do perfil de funcionalidades, necessidades e desejos dos futuros moradores gerou práticas de apoio mais personalizadas e satisfatórias. A coordenação do apoio, com seus processos, protocolos e o método de avaliação da autonomia, é continuamente comparada em relação ao próprio indivíduo.

Outros aspectos que caracterizam o modelo de moradia para a vida independente, como as **condições urbanísticas e arquitetônicas**, ainda merecem maior investigação para demonstrar seus resultados plenos. A localização do imóvel, não exclusiva para pessoas com deficiência, em um bairro urbano com comércio e transporte público, facilita a inclusão natural e o trabalho da equipe de apoio. Fietz (2022) destaca a importância do local de moradia:

“As ideias de abandono e cuidado, com todas suas variáveis e complexidades, caminham lado-a-lado quando falamos de arranjos de moradia para jovens e adultos com deficiência cognitiva. O local onde se mora está intimamente ligado a ideias pré-concebidas sobre o que é um bom cuidado para as pessoas com deficiência e o que é ser uma boa família, uma boa cuidadora, daquele por quem se é responsável.” Fietz (2022, p. 116)

Esses desafios interligados precisam ser mais aprofundados para pavimentar caminhos que apoiem jovens adultos com deficiência intelectual e/ou autismo a terem vidas dignas e realizadas. É crucial que as famílias reconheçam as limitações como parte inerente da vida de seus entes, e que os setores governamentais de habitação de interesse social contribuam, destinando o percentual de unidades previsto na Lei 13.146/15, Capítulo V – Morádias, Artigo 32-I:

“Art. 32. Nos programas habitacionais, públicos ou subsidiados com recursos públicos, a pessoa com deficiência ou o seu responsável goza de prioridade na aquisição de imóvel para moradia própria, observado o seguinte: I - reserva de, no mínimo, 3% (três por cento) das unidades habitacionais para pessoa com deficiência;» Lei 13.146/15, Art. 32-I

Um estudo do Departamento de Saúde do Reino Unido (2001) comparou custos e benefícios de diferentes modalidades de moradia. Concluiu que morádias independentes (*self-contained*) e em edifícios comuns (*dispersed homes*) tendem a privilegiar escolhas pessoais, maior participação comunitária e vínculos relacionais, além de contar com equipes de apoio mais experientes no ensino da autonomia. Já residências assistidas (*shared accommodation schemes*) ou clínicas (*nursing homes*) oferecem melhor planejamento de atividades, rotinas pré-estabelecidas, maior frequência de acompanhamento médico e maior segurança.

Este estudo britânico demonstra que nenhum modelo é intrinsecamente superior, pois há casos de sucesso e satisfação em todos. A distinção reside nos objetivos: modelos mais “assistidos” priorizam proteção e rotina planejada, enquanto morádias independentes promovem maior autonomia e liberdade. A escolha ideal depende das preferências individuais, seja por proteção e segurança ou por independência e autogestão da rotina.

#### 4. Conclusões

A trajetória histórica de abusos de poder e negligência em relação às pessoas com deficiência, especialmente as intelectuais e mentais, está, felizmente, em transformação. O confinamento e práticas de cuidado que desconsideram a individualidade são hoje inaceitáveis.

Os resultados e o impacto de diferentes modelos de moradia sobre a autonomia e o bem-estar de adultos com deficiência ainda constituem um campo de pesquisa subexplorado. As descobertas aqui apresentadas, baseadas na quantificação do apoio necessário às rotinas dos moradores, sinalizam a urgência de novas linhas de pesquisa acadêmica sobre moradias e vida independente para adultos com deficiência intelectual, síndrome de Down e/ou autismo.

No Brasil, a oferta predominante ainda consiste em modelos de moradias coletivas e exclusivas para pessoas com deficiência. O projeto piloto de moradia para a vida independente, implementado no Rio de Janeiro entre 2021 e 2026 com pessoas de 23 a 34 anos, não apenas demonstrou ganhos quantitativos de autonomia para seus moradores, mas também validou uma metodologia eficaz para identificar o tipo e a intensidade de apoio necessários, além de estabelecer protocolos para o acompanhamento das rotinas pelos agentes de apoio. Este modelo testado e validado pode servir como um exemplo de boas práticas para aprofundar o debate social e político. No entanto, o desafio da sustentabilidade do modelo nos convida a uma reflexão sobre dois aspectos cruciais:

1. **Pelo lado da oferta:** Moradias para a vida independente são serviços de alta complexidade e custo. Para promover maior equidade no acesso, são necessários ajustes na atual política pública. As Residências Inclusivas, por exemplo, limitam-se a pessoas com renda *per capita* familiar inferior a do salário mínimo e sem vínculo familiar. O limite de renda precisa ser revisto para ser mais inclusivo, e o modelo de assistência deve ser mais personalizado.
2. **Pelo lado da demanda:** É imperativo desenvolver ações de advocacy e educação para desconstruir a cultura de que “uma boa mãe não abandona seu filho necessitado” e a ideia de que moradias independentes são “apenas para os que precisam”. Deve-se reconhecer que a estrutura familiar moderna, reduzida em tamanho e, muitas vezes, em condições econômicas, frequentemente não pode mais agregar dependentes da mesma forma que no passado.

A questão central deste artigo, que merece aprofundamento contínuo, reside na forma como os apoios e cuidados são organizados. Destacamos a importância de avaliar os tipos e intensidades de apoio exigidos para cada perfil de funcionalidade dos potenciais moradores *antes* de definir a equipe profissional responsável pelo acompanhamento diário do Plano Personalizado de Apoio (PPA). Essa inversão do processo pode lançar luz sobre os efeitos dos modelos na ampliação e desenvolvimento da autonomia, colocando a pessoa com deficiência no centro da atenção. Enquanto algumas modalidades de apoio podem ser mais protetivas e reduzir riscos sociais, outras podem alinhar-se melhor ao desejo de uma vida mais autônoma e independente. Em ambos os casos, o fundamental é garantir que o indivíduo esteja no epicentro de seu próprio desenvolvimento humano, explorando todo o seu potencial.

## Referências

- Brasil (2004). Ministério da Saúde. *Residências Terapêuticas: o que são, para que servem*. bvsms.saude.gov.br
- Brasil (2009a). Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. *Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007*. www.planalto.gov.br
- Brasil (2009b). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Resolução n. 109, de 11 de novembro de 2009. *Aprova a tipificação nacional de Serviços Socioassistenciais*. www.mds.gov.br
- Brasil (2015). Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. *Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. www.planalto.gov.br
- Brasil (2019)**. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial de Desenvolvimento Social. Departamento de Gestão do Sistema Único de Assistência Social. *Censo SUAS 2018: resultados nacionais – unidades de acolhimento*. aplicacoes.mds.gov.br
- Brasil - MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome). (2014). *Orientações sobre o serviço de acolhimento institucional para jovens e adultos com deficiência em residências inclusivas: perguntas e respostas*. www.mds.gov.br
- Callaway, L., Tregloan, K., e Moore, L. (2021). Audit of Advertised Housing and Support Vacancies for People with Disabilities in Australia. *Australian Journal of Social Issues*, 56(1), 94-113. onlinelibrary.wiley.com
- Cuccovia, M. M. (2003). *Análise de procedimentos para avaliação de interesses baseado em um currículo funcional natural e seus efeitos no funcionamento geral de indivíduos com deficiência mental e autismo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. repositorio.ufscar.br
- Diamond, M. (2020). The Cost and Benefit of Affordable Housing: a Partial Solution to the Conflict of Competing Goods. *Georgetown Journal on Poverty Law & Policy*, 2(27), 231-260. scholarship.law.georgetown.edu
- England (2001). Department of Health. *Valuing people: a new strategy for learning disability for the 21st century*. London. assets.publishing.service.gov.uk
- Fietz, H. M. (2020). *Construindo futuros, provocando o presente: cuidado familiar, moradias assistidas e temporalidades na gestão da deficiência intelectual no Brasil*. 280 f. Tese [Doutorado em Antropologia Social]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Fietz, H. M. (2022). *Construindo futuros, provocando o presente: cuidado familiar, moradias assistidas e temporalidades na gestão da deficiência intelectual no Brasil*. [Prêmio Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)].
- Flores, E. P. L., e Peruzzo, P. P. (2021). A luta por reconhecimento das pessoas com deficiência no Brasil: aspectos jurisprudenciais da convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência. *Revista Jurídica Unicuritiba*, 3, 493-527.
- Fyson, R., Tarleton, e B., Ward, L. (2007, agosto 15). *The Impact of the Supporting People Programme on Adults with Learning Disabilities*. research-information.bris.ac.uk
- Human Rights Watch. (2018). *“Eles ficam até morrer”: uma vida de isolamento e negligência em instituições para pessoas com deficiência no Brasil*. www.hrw.org
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (2010). *Censo Demográfico 2010: nota técnica 01/2018 – releitura dos dados de pessoas com deficiência no Censo Demográfico 2010 à luz das recomendações do Grupo de Washington*. 31 jul. 2018. ftp.ibge.gov.br
- Jacob, P. (2016). *Il n’y a pas de citoyens inutiles*. [Préface d’Alain Cordier]. Dunod.
- Maior, I. M. M. de L. (2017). Movimento político das pessoas com deficiência: reflexões sobre a conquista de direitos. *Inclusão Social*, 2(10), 28-36. revista.ibict.br
- Mello, A. G. (2016). Deficiência, Incapacidade e Vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(10), 3265-3276.
- Oliver, M. (2009). *Understanding Disability: from Theory to Practice*. [2a ed.]. Palgrave Macmillan.
- Poppe, F. (2017). Moradias independentes com programa de apoio individualizado para pessoas com deficiência intelectual. *Inclusão Social*, 2(10), 77-87. revista.ibict.br
- Poppe, F. (2019). Moradias independentes para pessoas com deficiência: uma demanda não atendida no Brasil. In M. A. Gurgel (Org.), *Diálogos aprofundados sobre os direitos das pessoas com deficiência*. RTM, pp. 335-348.
- Poppe, F. (2021). Moradias para Pessoas com Deficiência no Brasil. *RAHIS, Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde*, 18(3). [Edição Especial]. MG. revistas.face.ufmg.br

- Rattia, V., Hassiotisa, A., Crabtreeb, J., Debc, S., Gallagherd, P., Unwine, G. (2016). Review Article: The effectiveness of person-centred planning for people with intellectual disabilities: A systematic review. *Research in Developmental Disabilities*, 57, pp. 63-84.
- UN (United Nations Human Rights). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. [www.ohchr.org](http://www.ohchr.org)
- Vilaça Mendes, E. (2012). *O Cuidado das Condições Crônicas na Atenção Primária à Saúde*. Organização Pan Americana da Saúde, Organização Mundial da Saúde, Conselho Nacional de Secretários de Saúde. [iris.paho.org](http://iris.paho.org)
- Woodman, A., Mailick, M., Anderson, K., e Esbensen, A. (2014, novembro). Residential Transition Among Adults with Intellectual Disability across 20 Years. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, 119(6), 496-515.